



**L'ETAT C'EST CHACUN  
DE NOUS**

Cartaz do Maio de 68, vermelho sobre fundo branco, papel *affiche*, serigrafia, 48x37cm.



Cartaz do Maio de 68,  
preto, papel offset,  
37x50cm.



Cartaz do Maio de 68,  
preto, papel offset,  
37x54cm.



Cartaz do Maio de 68,  
preto, papel offset,  
37x50cm.



## **1968: o protagonismo do Movimento Estudantil no Brasil**

**Vladimir Palmeira<sup>1</sup>**

Vladimir Palmeira, alagoano carioca, hoje com sessenta e três anos, foi um dos grandes líderes do movimento estudantil daqueles tempos. Nessa condição, foi um dos líderes principais da organização e direção da famosa passeata dos cem mil, em 26 de março daquele ano, a gigantesca manifestação coletiva contra a ditadura militar, que teve como fato desencadeador o assassinato pela Polícia Militar do estudante secundarista Edson Luís Souto, no restaurante estudantil Calabouço, no centro do Rio de Janeiro.

<sup>1</sup> Economista. Membro do PT/RJ. Ex-deputado Federal, pelo PT, em dois mandatos (1987 a 1994). Também pelo PT, foi candidato ao Senado, em 1982, e ao governo do Estado do Rio de Janeiro, em 2006.

Foi preso em 12 de outubro de 68 no XXX Congresso da UNE (União Nacional dos Estudantes), em Ibiúna, interior de São Paulo. Incluído no grupo dos quinze presos políticos trocados pelo embaixador americano, seqüestrado em setembro de 1969, foi exilado por dez anos, a partir daquele ano, no México, a seguir em Cuba, depois no Chile, e com o golpe militar neste país, em 1973, foi para a Bélgica, onde fez Economia, trabalhou como operário em uma fábrica e retornou ao Brasil com a anistia política, em 1979.

*Entrevista realizada por Rose Serra,<sup>2</sup>  
em 4 junho de 2008.*

**Em Pauta: Fale um pouco de você. Quem era Vladimir Palmeira? Como chegou a ser um dos principais líderes do movimento estudantil em 1968?**

**Vladimir Palmeira:** Comecei a fazer política no secundarismo. Depois fui fazer a Escola Nacional de Direito na Universidade do Brasil (atual UFRJ); comecei a militar no movimento estudantil universitário, no segundo ano, em 1965.

Em primeiro lugar, virei líder de massa, por acaso. Em 1966, o diretor da minha escola, que era muito reacionário, suspendeu o então presidente e o nosso candidato à presidência do CACO (Centro Acadêmico Cândido de Oliveira). E nós tínhamos um problema sério de liderança, em geral nossas lideranças eram do pré-1964. Era eu que coordenava as atividades das organizações de esquerda e fui obrigado, por circunstâncias, a falar na assembléia de solidariedade aos companheiros suspensos e o pessoal gostou. Já estava no terceiro ano, que era considerado o ano do auge de quem militava no movimento estudantil; depois no quarto e no quinto ano, dependendo do curso, a gente precisa estudar para poder se formar. Por outro lado, tínhamos tirado na nossa célula da organização Dissidência (um racha do PCB – Partido Comunista Brasileiro) que todo mundo iria falar na assembléia de solidariedade aos companheiros suspensos e fui obrigado, por essa circunstância, a falar nessa assembléia. Eu e o Daniel Aarão Reis começamos a nos destacar. Eu queria que o Daniel fosse presidente do CACO, ele queria que fosse eu, no final fui eu, porque o pessoal da AP (Ação Popular) achava que eu era mais radical na luta interna do PC. Então, fui eleito presidente do CACO. Com um mês de mandato, fui suspenso por um ano da escola, porque estávamos lutando pelo não-pagamento das anuidades. Em 1967, voltei e, com quinze dias, fui suspenso por mais dois anos, sem grandes motivos, porque participava de assembléias. Não tinha nenhuma grande luta naquele

<sup>2</sup> Profa. Adjunta da Faculdade de Serviço Social da UERJ. Doutora em Serviço Social. Membro do Comitê Editorial da Revista Em Pauta.

momento, era simplesmente reacionarismo do diretor. Aí fui eleito presidente da UME (União Metropolitana dos Estudantes, que era nossa UEE – União Estadual dos Estudantes). Sempre digo que era um trabalho coletivo, a UME sustentava um trabalho coletivo e um bom escudeiro sustenta um trabalho coletivo. Digo sempre: não é todo mundo que é líder de massa. Requer talento, como outras coisas, mas, a essa altura, havia ali pelo menos uns dez capazes de fazer isso, havia estrutura de quadros, de organizadores, que funcionava. Um pouco por acaso, virei líder de massas, um pouco por acaso, virei presidente da UME e estava nessa condição quando tudo aconteceu em 68.

**EP: Continuando, fale um pouco dessa geração. Quais eram os grandes sonhos dessa geração?**

**VP:** Difícil você falar dessa geração, porque você tem que separar, visto que grande parte dos estudantes não participava de nada. A gente generaliza muito, fala de gerações, como gerações que faziam. Grande parte não fazia nada, uma parte fazia um pouco que era diferente das vanguardas, e a outra fazia muito.

A que fazia, fazia por indignação, porque estava na ditadura, porque a ditadura perturbava, não permitia que a gente se organizasse, interrompia as aulas, a polícia invadia as Escolas. Em outros lugares era um pouco assim, deficiência da Universidade, professor ruim, falta de democracia na universidade, a estrutura geral da Universidade. Além da indignação geral por conta da ditadura, havia a vanguarda que queria mais, porque era socialista, queria uma transformação mais radical do Mundo. Coisas distintas. Existia um contexto muito complexo. Era 68, uma época de transição em todo o mundo.

No Brasil, isso aconteceu em condições mais específicas. Agora mesmo, li sobre um debate na Alemanha. Teve duas conclusões: uma, o coordenador do debate alertou com propriedade que o movimento de 68 não alterou muito os costumes, nem quebrou o autoritarismo da família, e tem razão; na verdade, nosso movimento era um movimento limitado. Esse movimento não conduziu as mudanças, era expressão dessas mudanças que existiam, isso era uma primeira coisa.

O segundo é que essas mudanças são globais, nem todas vistas na época, mas pode-se ver que o capitalismo atravessava uma transição, do foco do protecionismo para a terceira revolução industrial. Você vai notar que na França, o único lugar onde havia um movimento operário forte, boa parte das reivindicações eram lutas contra as cadências, contra o ritmo. Então, há uma modificação muito grande. O Braverman, em seu livro sobre o processo de trabalho, fala de uma recusa da classe operária em trabalhar nas antigas cadeias de montagem, que chegaram a um nível extraordinário, a partir de 1969. Então, tinha-se uma mudança global naquela época. Esse é um outro elemento. E dentro disso, havia o movimento estudantil, que era a um tempo expressão e agente dessa mudança; mudança, que, nesse momento de transição, não se sabe onde vai parar.

**EP: Você não vê o movimento estudantil como o grande agente de enfrentamento no primeiro momento da ditadura, tendo depois a sociedade se envolvido como um todo? Até pela coragem, porque foi para as ruas?**

**VP:** Não, não é só isso. A juventude foi poupada, porque a classe média foi poupada, já que ela apoiou o golpe militar em 1964. Então, no Brasil, havia um momento de transição de natureza política. O movimento de 68, de um lado, pertence ao passado, porque é a última onda do movimento de 64. A ditadura foi, sistematicamente, brigando com o latifúndio, com a burguesia, e terminou brigando com a classe média. Como movimento político geral tinha essa expressão e, diria mais, era a parte mais velha de 68. Enquanto que o movimento estudantil como movimento sindical era a parte mais moderna, como enfrentamento, discutindo as questões da Universidade. Havia uma proposta nossa de mudança assim como havia uma proposta de mudança da ditadura. Mesmo se, como movimento político geral, o processo desemboca na luta armada, apesar de ser uma luta contemporânea, tinha ainda muito o pé no passado, porque era um acerto de contas final dessas partes médias contra o governo. E o movimento estudantil se beneficiou, porque, se a ditadura foi brutal com os camponeses e com os marinheiros, com a classe média ela foi moderada, porque era a base social dela.

O movimento estudantil foi, assim, um movimento que se ergueu muito rápido. Na minha escola, já em 64, a oposição de esquerda ao diretório ganhou. Enquanto o movimento operário começa a dar os primeiros passos em 66, com o início do novo sindicalismo, e o movimento camponês começa em 68, o movimento estudantil começou muito mais cedo. São, então, movimentos diferentes. O movimento estudantil estava mais na cena política.

**EP: Vladimir, nessa trilha, quando pensa nesse passado, o que você destacaria como o principal legado dessa geração ou dessa luta estudantil, como você prefere? O que foi que ficou como mais marcante, ou você acha que não ficou?**

**VP:** Do ponto de vista da luta sindical, deixou a Universidade Pública. É razoável a gente pensar que sem a resistência estudantil a Universidade Pública teria sido extinta, ou, pelo menos, transformada. Eles queriam transformá-la em fundações, o que faria com que perdessem seu caráter público ou iriam, pelo menos, se misturar com o capital privado e o ensino seria pago em todo o canto. Então, essa Universidade Pública é um pouco o legado da gente. Basta pensarmos que as ilhas de excelências são as universidades públicas. Isso não é por acaso, nem pouca coisa. Do ponto de vista político, enquanto estratégia, houve um fracasso geral. Nessa questão política, não diria que é um fracasso de geração, porque ninguém da esquerda acertou, de dois ângulos. Primeiro, não era só de uma geração. Errou Marighella, errou Apolônio de Carvalho, errou o Mário Alves. E de outro ângulo, não foi só o pessoal que pegou em armas que errou; quem também não pegou em arma errou, porque não conseguiu uma linha que levasse a alguma vitória sobre a ditadura. Não se deve esquecer que o Comitê Central do Partido Comunista caiu quase todo e era a linha pacífica. Quer dizer, do ponto de vista político não ficou uma matéria de estratégia. O que ficou foi menos político, e mais um certo sentido crítico dessa geração.

Do lado da esquerda, começando por criticar o socialismo da União Soviética, o stalinismo, ela começou a não aceitar o estabelecido. Foi essa a contribuição que ela deu. De não aceitar aquilo que a família diz, o que o governo diz, o que o partido diz.

**EP: E do ponto de vista do comportamento, dos costumes?**

**VP:** Não foi exatamente um ato desse movimento político. Essa mudança de costumes parecia com outras coisas, com mudanças na cultura. Não é obra propriamente do movimento político.

**EP: Mas o movimento estudantil não acelerou essas mudanças, nessa ocasião?**

**VP:** Pode ter acelerado, mas não foi fundamental. O movimento feminista, por exemplo, é fruto mais de uma época, que influenciava, mas não era decisivo no movimento estudantil. O movimento estudantil tinha como eixos de luta a questão da Universidade e a ditadura, pura e simples. E já era muito.

**EP: A rebeldia é um componente de todas as mudanças. Nesse sentido, qual foi o papel dessa rebeldia?**

**VP:** Veja bem, se você quiser um traço comum, era o antiautoritarismo. É um ponto de vista, mas acho que o importante nessa rebelião era não aceitar o estabelecido. Essa é a primeira coisa. Há rebeliões e rebeliões. Quer dizer, com as sociedades que evoluem lentamente, aquelas coisas que seu pai fez assim, seus avós também fizeram, e você repete. Esse, porém, foi um grande momento de transição, porque as pessoas passaram a recusar o estabelecido. Isso é o que fica para o futuro. O que é um bom exercício desse espírito crítico, de não aceitar as coisas do jeito que elas são apresentadas a você.

**EP: Agora, essa pergunta tem sido colocada nos debates de que eu participei ao longo desses anos, a famosa afirmação do Zuenir Ventura. Afinal, o ano de 68 acabou ou não acabou? Recentemente, o Daniel Cohn-Bendit, o grande líder de 68, na França, lançou um livro chamado *Forget 68* (Esqueça 68). Você concorda com isso?**

**VP:** Veja bem, a propósito, o Cohn-Bendit disse que não se arrepende de nada, o que é uma grande bobagem. Ele está equivocado. Quem não se arrepende de coisa alguma?

Quanto ao que diz Zuenir, é outra coisa, é uma imagem, que se refere às repercussões daquele ano. Mas, na verdade, o ano acabou, claro, a repercussão dele é outra coisa, perpetuou-se. Eram mudanças de costume, de agitação. O ano de 68 perdura e vai perdurar sempre. Como era um ano de transição, sua influência é duradoura.

**EP: Li também, recentemente, uma interessante entrevista do Cohn-Bendit. Ele disse que reagiu ao presidente francês Nicolas Sarkozy, que declarou estar empenhado em “liquidar de vez” com a herança daquele período. Eu tenho até vontade de ler esse livro ao qual me referi do Cohn-Bendit, até para saber o que ele quer dizer com esquerda em 68. O ano de 68 tem muitos fatos marcantes.**

**VP:** Não é só isso. A Segunda Guerra Mundial pode ter sido mais marcante. O problema é que, como são momentos de transição, naturalmente estão cheios de passado e cheios de futuro. Isso é o que caracteriza os períodos de transição. Dá muita movimentação. Por exemplo, o séc. XIX foi um século de Napoleão, da Comuna de Paris, da unificação alemã, da guerra franco-prussiana; no entanto, ninguém pode

falar do séc. XIX sem falar de 1848, que foi um momento de insurreições. Nenhuma delas tomou poder e, no entanto, 48 foi um ano de transição, por isso é um ano predileto dos estudiosos em história, dos estudiosos da cultura, dos estudiosos da urbanização. Já o séc. XX teve duas guerras mundiais, o nazismo, o stalinismo, a revolução russa, a revolução chinesa. Mas, naturalmente, fala-se mais em 68 do que em todos esses episódios, e isso por quê? Porque houve mudança de natureza política? Não, mas é uma característica dos movimentos de transição, que atingem grande parte da estrutura social.

A transição tem características diferentes, e por ser transição tem conseqüências posteriores. Pode ocorrer um acontecimento impressionante como uma guerra mundial e, no entanto, não ter esse sentido de transição nas mudanças. Por exemplo, a Segunda Guerra Mundial não alterou o capitalismo em si. Claro que houve mudanças. No entanto, 68 virou o ano da passagem do bojo do fordismo à terceira revolução industrial. Então, talvez por isso.

**EP: Tem um simbolismo de querer mudar, não é?**

**VP:** Mas acho que era expressão do tempo, estava-se saindo do fordismo para a revolução da informática e da biotecnologia. Nesse momento, vai mudar toda a cadeia de produção da década de 70, que vai trazer a computação. Há mudanças substanciais nas máquinas e ferramentas. Tem-se uma estrutura que vai fazer a classe operária perder peso político e econômico e por aí vai. E, nesse ano de transição, temos também manifestações de natureza cultural e é por isso que 68 fica, e não necessariamente por ser mais importante. Por isso, essa impressão de que o ano não acabou, como diz Zuenir.

**EP: Você conhece pessoas ou tem companheiros dessa época que têm um certo saudosismo? Ou não?**

**VP:** Em geral, o pessoal das lideranças, não. Agora, tem gente que sim. Até existem dois grupos na internet nessa direção, que eu não acompanho, mas certamente algumas pessoas têm saudosismo, saudades de suas esperanças. Há uma certa desilusão. A desilusão que se pode ver no livro do fotógrafo Evandro Teixeira, *68 destinos – Passeata dos cem mil*. Foi um trabalho notável que o Evandro fez, não pela fotografia, embora ela seja ótima, mas porque ele entrevistou 68 pessoas que falam de suas experiências. Um certo desencanto permeia essas pessoas, uma parte delas ficou muito desencantada. É um sentimento próximo da nostalgia.

**EP: São sentimentos casados. Você já até começou a falar sobre isso. Quando se compara, inevitavelmente, o que aconteceu aqui, num país como o nosso, da periferia do mundo, ao movimento muito forte como foi nos Estados Unidos, na Europa, e particularmente na França, você vê algumas diferenças substantivas entre lá e cá?**

**VP:** Ah! Muitas. Primeiro, na origem das coisas. Lá na França, por exemplo, o anti-autoritarismo estava na questão dos dormitórios dos rapazes que queriam dormir junto com as moças. Aqui, era a ditadura e a questão da Universidade. Lutas reivindicatórias e ditadura. Em segundo lugar, o quadro político, a troca da democracia

pela ditadura. Em terceiro lugar, a questão do movimento em si. A França tinha um forte movimento operário e também um movimento camponês, um movimento mais conservador; e aqui não tinha movimento camponês nem movimento operário. Havia uma solidão do movimento estudantil, que, em 68, é amparado por setores de classe média.

Então, não diria que são movimentos muito diferentes, porque têm um anti-autoritarismo que o mundo presenciou. Esse movimento se deu no mundo, mas acredito que as condições do Brasil foram como as da América do Sul, onde houve muito movimento estudantil, como no México, que era mais próximo da gente; ou na Tchecoslováquia, no leste europeu, mas ali tinha um problema nacional, ali era mais específico. O pessoal da América era mais próximo da gente.

**EP: Penso que existia um traço que alinhavava, que é o mesmo ao longo da história do mundo, que é a liberdade, a busca da liberdade de ação, de liberdade de expressão. Enfim, era um traço que alinhavava todos os movimentos lá e aqui.**

**VP:** Eu não digo liberdade de expressão, porque na França existia, e muito.

**EP: Pergunto se para você essas características da busca pela liberdade se diferenciaram aqui e lá.**

**VP:** A luta pela liberdade de expressão estava no antiautoritarismo, que permeia essa luta. Não é exatamente a luta pela liberdade, que é um conceito mais amplo. Isso na França existia, a França era uma democracia burguesa.

**EP: Mas lá tinha um confronto dos jovens com o autoritarismo institucional, não tinha?**

**VP:** Não é uma questão de autoritarismo propriamente. Você pode ter um quadro de liberdade e, no entanto, ter estruturas autoritárias.

**EP: A visão do socialismo que se tinha, você acha que essa visão acabou?**

**VP:** A esquerda brasileira vive ainda das teses da Terceira Internacional.

**EP: Será mesmo que ainda vive?**

**VP:** Ainda vive, sim. No segmento que eu conheço, ainda se vive como nos moldes da Terceira Internacional, que, por sua vez, não modificou muito as teses da Segunda Internacional. Então, o que a esquerda brasileira era? Ela era “nacionalisteira” e estatizante. Essa é a tradição, porque poucas questões do socialismo eram discutidas. Eu, particularmente, tinha uma visão democrática. A organização Dissidência da Guanabara tinha uma certa leitura, um certo verniz leninista. Eu estava imbuído de que o socialismo e a ditadura do proletariado eram democracia. Lia-se Lênin, essas coisas, porém era uma leitura superficial, é verdade. Até hoje conheço muito acadêmico que tem essa mesma leitura. Para mim, socialismo e liberdade eram sinônimos. No geral o pessoal não refletia muito sobre isso. Era mais aquela coisa do anti-imperialismo e tem que estatizar.

Hoje, por exemplo, estou no PT. A esquerda do PT é exatamente isso. Os trotskistas carregam a bandeira da Terceira Internacional com muito brio e pensam que, so-

bretudo na base não há diferenças teóricas efetivas entre trotskismo e stalinismo, e isso é um problema, são dos mesmos frutos. E não há um rompimento de natureza com a social democracia da Segunda Internacional. Uma pessoa de esquerda hoje quer estatizar e defender os interesses nacionais. Continua sendo o padrão. E isso entra nas organizações trotskistas, adiante.

**EP: Essa era uma diferença no movimento estudantil?**

**VP:** Não diria desse jeito. As diferenças do movimento estudantil eram de natureza sindical, eram reivindicatórias, porque estavam voltadas para como encaminhar o movimento estudantil. No Brasil, o movimento estudantil é de natureza sindical porque se tem o CA (Centro Acadêmico), depois se tem o DCE (Diretório Central dos Estudantes), depois a UEE (União Estadual dos Estudantes) e UNE (União Nacional dos Estudantes). É uma estrutura bem similar à da estrutura sindical. E foi criado por lutas reivindicatórias. Aliás, a UNE foi criada para atender aos estudantes pobres. Claro que o movimento sindical faz política. No entanto, fui estudante na Bélgica, e lá não tem centro acadêmico, nem estrutura sindical nenhuma.

**EP: Você acha que isso faz toda a diferença?**

**VP:** Não, mas acho que o movimento estudantil devia fazer o que ele queria fazer naquele momento enquanto movimento sindical, e essa era a diferença.

Havia diferença entre a Dissidência e a AP, porque a AP misturava os dois movimentos, o cara era um ativista sindical e um militante revolucionário e não separava essas duas condições. O movimento estudantil tinha uma estrutura e uma dinâmica própria, uma vivência diferente, enquanto que um militante revolucionário como tal não precisava fazer movimento estudantil. Ele podia fazer luta armada, o que ele quisesse, mas, quando se é da UNE, deve-se lutar pelas bandeiras do movimento estudantil. Tinha uma tese da AP que dizia o seguinte: “temos que liderar o movimento operário”, enquanto nós dizíamos que não tínhamos que fazer isso, que o movimento operário é mais importante e tínhamos que apoiá-lo, se fôssemos chamados. O cara da AP, por exemplo, nos debates em 67, em Valinhos, dizia que, se temos a consciência, temos que liderar. E eles misturaram o fato de ser um intelectual revolucionário com o movimento estudantil, e isso era feito de uma forma ingênua, não era uma maldade, era uma visão.

**EP: Você não acha que no movimento sindical, quando vem a CUT, por exemplo, essa relação movimento x partido se reproduz, e que é sempre assim?**

**VP:** Não, não é a mesma coisa. Isso é uma questão de duas naturezas. O problema é misturar um cara do movimento operário com um trabalho de outro tipo, por exemplo. Posso achar importante a questão ecológica, mas nem por isso estou no movimento ecológico. Essa é a natureza, não se pode misturar aquilo com as pessoas que estão lá.

Pode-se estar num movimento operário e ter uma visão ampla de revolução. Então, esse movimento tem uma dinâmica determinada; quando se vai discutir a tese desse movimento, tem-se que respeitar a dinâmica desse movimento. O cara da AP misturava o ativismo estudantil com sua condição de revolucionário, em qual sen-

tido? Ele queria colocar o movimento estudantil para liderar o movimento operário. Ora, o movimento estudantil não é partido político, então não poderia fazer isso. Não ia dar certo. Podia ser criado um partido político para fazer isso. Então, havia uma angústia nas pessoas da AP, que tinha uma base toda religiosa.

**EP: Eclesiástica... comunidades eclesiais de base.**

**VP:** Isso traduzindo em política significava que o movimento estudantil tinha que apoiar o movimento operário. E eles achavam que o movimento estudantil deveria dirigir o movimento. Então, com isso marcava-se uma distinção importante; e em dezembro de 67 havia duas propostas no Conselho da UNE: uma da AP, em que o centro tático do movimento estudantil devia ser a luta contra a ditadura militar, e a nossa, que devia ser uma luta contra o governo. Eram duas coisas afastadas uma da outra. O que não quer dizer que não lutássemos contra a ditadura, e sim que o centro eram as questões reivindicatórias e também a luta política. Essas eram distinções práticas.

**EP: Essas distinções táticas na questão de ordenamento, tratadas hoje como questões de encaminhamento, criaram muita confusão desde o Ibiúna. Digo, essas discussões não iam terminar nunca. E em Ibiúna, havia essas diferenças?**

**VP:** As diferenças de Ibiúna nem se manifestaram politicamente, não se chegou a ter discussão de conteúdo, eram da natureza do movimento estudantil e não de outra natureza como a gente começou a discutir aqui. Discutíamos sobre a estratégia da revolução brasileira. A briga era em outro nível. Além disso, dentro também havia uma tremenda luta interna de quem era mal visto e quem não era. Então, não se pode simplificar as diferenças do movimento estudantil, são diferenças importantes.

Em Ibiúna, não teve nem discussão, a não ser sobre os delegados, para reconhecer os delegados eleitos, e se as condições eram boas ou ruins, só houve essa discussão. Não teve nenhuma discussão política.

**EP: Os movimentos sociais, os movimentos específicos por segmentos, por lutas específicas, que eram os chamados movimentos sociais da década de 70, em particular, na década de 80, estão presentes hoje? Os movimentos de hoje são diferentes, eles terão de ser diferentes? Eles ainda reproduzem os movimentos sociais do passado?**

**VP:** Depende, há movimentos que naturalmente vão se reproduzir. Como exemplo, a greve. Agora, em médio prazo, como o mundo do trabalho está mudando muito, certamente vai mudar. Um dos problemas dessa questão do socialismo é que o Marx teorizou que a classe operária seria a vanguarda da revolução. Essa classe operária industrial vem perdendo peso político, econômico e ideológico, e hoje todo mundo aceita isso. No início da década de 80, podia-se dizer que a classe operária estava perdendo influência; e hoje em dia é claro que essa estrutura industrial está indo para o espaço. Então, perdemos o nosso agente histórico das transformações.

**EP: E isso foi um dos enganos do Marx.**

**VP:** Não, não houve engano nenhum. O Marx teorizou o séc. XIX. O Marx, quando acerta no séc. XX, já é uma façanha. Agora, ele resolver os problemas do séc. XXI é pedir demais.

**EP: Digamos não Marx, mas os marxistas...**

**VP:** Isso é o que as pessoas pensam. Não basta adaptar o Marx. A teoria de Marx é muito marcada pelo capitalismo da época. Veja, por exemplo, os desafios que se tem hoje. Não basta o Marx.

**EP: O Marx é o básico?**

**VP:** Não digo assim também, porque a base mudou. O que digo é que são referenciais, porque ele teorizou o capitalismo. O capitalismo do séc. XXI é muito diferente, são desafios muito diferentes, de outra ordem.

Digo sempre: vão ser duas ordens de problemas. Primeiro, o tradicional que o Marx não teorizou, que fez todo mundo passar a falar de história, que depende das relações de exploração da sociedade e de opressão; o Marx formulava, mas falava de uma forma geral. Em segundo, quanto aos problemas do meio-ambiente, eles começaram a ser tratados. Temos agora um problema que diz respeito à vida, quer dizer, os progressos da biotecnologia vão gerar conseqüências que vão colocar questões importantes. Quais são elas? O prolongamento da vida humana, de cento e cinqüenta a duzentos anos, que tende ao conservadorismo. Há muito tempo, a relação sexual deixou de estar ligada à reprodução. As taxas de reprodução se tornam decadentes. Esses são elementos que vão começar a apontar uma certa tendência conservadora na sociedade. Então, haverá que tratar dessas questões, porque, se começar a diminuir a taxa de natalidade e aumentar a duração da vida, surgirá como resultado um grande problema.

E o Marx já tinha anunciado que na base estão a produção e a reprodução, fora os problemas que são não os principais, mas que estão relacionados; o que os portugueses chamam de "replicantes" – os clones. Tem-se uma oportunidade de manipulações de todo o tipo, o que mexe com a questão da ética. Por exemplo, quem vai parar e vai impedir que cientistas coloquem vinte pessoas iguais no mundo de diferentes classes sociais e analisem essas pessoas? Vai ser uma pesquisa, se necessária ou não é outra coisa. No entanto, há toda uma briga em relação à genética e ao meio-ambiente. Vai-se poder agora botar cinqüenta, cem pessoas iguais nos diversos países do mundo, nas diversas classes, nos dois sexos, nas diversas cores de pele e por aí afora.

**EP: Ou seja, você vai programar pessoas.**

**VP:** E esse estudo vai ser legal? Vai ser clandestino? Vai encontrar resistências? E essa é oportunidade de avaliar o impacto do meio-ambiente na formação da personalidade das pessoas. No entanto, "nego vai tremer", porque vão fazer pessoas iguais e isso é um dos problemas laterais decorrentes.

Primeiro, porque não se pode fazer clone humano, é um tabu. E é claro que esse tabu vai ser superado, mas isso vai ser objeto de grande divergência.

Segundo, é a transmissão, o aperfeiçoamento da espécie, e isso é muito ligado à eugenia, ao nazismo. Por isso, tem uma reação muito grande. Acredito que, daqui a cinquenta anos, vai haver gente operando o tempo inteiro na seleção da espécie; quer dizer, quando se lia Darwin, via-se que a evolução das espécies dura milhões de anos.

Já li alguns autores que dizem que essas manifestações serão mais a curto prazo, que algumas manifestações do DNA são reproduzidas a curto prazo. Então, por herança tem-se uma série de manifestações, essas coisas vão se reproduzir, depois perdem-se, mas há mudanças no curto prazo. O que vai mudar em curto prazo é a medida do controle do homem de reprodução da sua própria espécie e das outras. Acabei de tomar ciência que pegaram um gen de um bicho extinto há milhares de anos e fizeram a mistura com outro bicho. Quer dizer, a evolução das espécies que o Darwin media por milhões de anos, agora tentarão fazer por milhares ou centenas de milhares de anos.

**EP: Isso é interessante porque haverá muito conflito, de caráter religioso, de caráter ético, como já existe. Mas, de todo modo, foi uma vitória a questão do uso dos embriões ter passado no Supremo, mas foi difícil e quase não passa.**

**VP:** Já foi dito que o século XX é o século do pragmatismo e que o século XIX foi o século das grandes sínteses. Penso que o século XXI é também um século de grandes sínteses, porque traz uma ressurreição da filosofia. Estimava como fim a visão sintética do mundo, as leis do movimento da sociedade, agora se está numa situação que exige que se tome uma posição de direita ou de esquerda. Será preciso tirar novas explicações para o mundo. A direita é muito pragmática e no século vinte mais pragmática do que a esquerda. Há muito tempo parou de perguntar como o capitalismo funcionava, para tentar melhorá-lo. A esquerda, apesar de ter se tornado pragmática também, indagava mais ainda; agora se é obrigado a dar novas explicações para o funcionamento do mundo, da espécie humana e da relação da espécie humana com as outras espécies, animais e vegetais. Acontece que nesse século vai virar política. Essa é a diferença.

**EP: Agora, voltemos ao Brasil. Como você vê o governo Lula em relação a esse legado das lutas travadas em 68, enquanto parte dessa geração, e, particularmente, os personagens que estiveram ou estão no governo?**

**VP:** Os personagens não têm nada a ver com a história.

**EP: Mas as personagens estão carregados de história.**

**VP:** Esses personagens são influentes. As pessoas não carregam 68 dentro delas, 68 foi um ano que mudou tudo, e continua mudando e depende das pessoas daquela época e não das pessoas de hoje em dia. Pessoas mais velhas e, evidentemente, mais experientes. E o governo Lula tem a ver com isso? Tem, sim, mas é um governo convencional. E fez alguma coisa? Fez. Acho o melhor governo nesses quarenta anos.

**EP: Em termos de quê?**

**VP:** Em relação à distribuição de renda. Em 2005, pela primeira vez em vinte e três anos, os pobres ganharam mais que os ricos. Em um país como o nosso, isso foi uma façanha. A distribuição de renda vem sendo reforçada a cada ano, com relação aos mais pobres. E isso está ligado a uma série de lutas que a gente travava, contra o arrocho salarial. Nem se usava esse termo 68. Claro que a distribuição de renda está ligada a uma conjuntura que não é revolucionária. E, em 68, pensávamos que estávamos numa revolução. Quer dizer, o governo Lula é mais limitado, no sentido das grandes reformas e de mudanças. Mas tem feito alguma distribuição de renda positiva e uma política externa independente, que é uma coisa que no Brasil fazia tempo que não acontecia. Agora, em relação a grandes reformas, aquele atrevimento, com 68 tem pouca coisa a ver.

**EP: O César Benjamin discorda dessa posição, é um crítico feroz do governo Lula.**

**VP:** O Benjamin é um crítico feroz de tudo. O problema é que a crítica tem que ser feita, mas o importante é o que você constrói. A crítica constrói, mas constrói-se o quê no lugar do PT?

**EP: O PT acabou?**

**VP:** Mas como acabou, se o PT está no governo?

**EP: Eu me refiro ao PT original. Nesse sentido, qual PT que sobrou daquele PT que nós construímos?**

**VP:** É sua visão do PT que sobrou. O PT tornou-se um partido mais à direita, hoje é um partido trabalhista moderno. Mas nunca foi exatamente revolucionário. A extrema esquerda queria que o PT fosse revolucionário, mas ele nunca foi.

**EP: Nem o próprio Lula nunca foi.**

**VP:** Lembro que a Convergência Socialista queria que o PT tirasse uma resolução contra a Internacional Socialista e, quando ganhava, ela achava que era o máximo. Bobagem. Na verdade, sempre houve uma proximidade do PT com os países socialistas e com os países da cortina de ferro, e todo mundo pensa que não tem nada a ver, e tinha a ver. O PT tinha laço com todos os países da Social Democracia, inclusive os alemães. Então, não tem nada disso. O PT veio para a direita porque o País veio para a direita. Primeiro, perdemos a transição, perdemos as eleições diretas e perdemos a Constituinte exclusiva e finalmente perdemos a eleição do Lula em 89. Então, a transição foi feita com a eleição do Collor e termina se consolidando somente com a eleição do Fernando Henrique. Assim, perdemos a transição, que teve uma democracia burguesa limitada e um capitalismo ainda muito selvagem. E a transição, se tivesse vindo por baixo, teria dado mais certo.

Nos anos 80, tivemos um movimento sindical forte. Ainda existia o movimento operário, um amplo movimento dos bancários, um grande movimento do funcionalismo público que, pela primeira vez, começou a fazer greve; enfim, havia esses movimentos. A partir de 1989, o que acontece quando quase o Lula chega lá? Acontece que o movimento social começa a cair. E isso é um negócio estranho, porque quanto mais o movimento social cai, mais o PT tem voto. E isso é um pouco

descompassado com o que existia no início do século XX, por exemplo, com os alemães. É evidente que a partir daí tem-se um descolamento do PT do movimento social e, ao mesmo tempo, o PT vai se impregnando de institucionalidade e a institucionalidade vai chupando o PT. Onde não tem movimento social, o PT começa a ser o partido dos eleitores, da máquina onde tem prefeito, vereador, deputado. A grande base dos encontros do PT, os delegados do PT, nos anos 90, mais de 75%, tinha diploma universitário, mais de 80% era assalariado, das instituições do Estado ou dos sindicatos, ou dos partidos. Houve, então, uma transformação e, nessa transformação, o PT vinha evoluindo. De um partido de defesa de grandes reformas, virou um partido trabalhista, que defende muito poucas reformas hoje. Que defende os oprimidos no ângulo do sistema. Isso é fruto da evolução do mundo de hoje. E é claro que alguns do PT vêem essa evolução com alegria, outros vêem com desapeço, como eu. Então, não adianta culpabilizar dirigentes e personalidades. Divirto-me muito com isso, porque a extrema esquerda gosta muito disso. Sempre tem que haver uma traição para justificar. O Trotski dizia que você tem que buscar as causas sociais, e eles estão procurando a culpa das pessoas, o que é um grande equívoco. Culpar a esquerda ou a direita, o Lula ou o próprio Dirceu, ou quem quiser culpar, não resolve. É o que o pessoal da extrema esquerda faz. Cansei de ver a extrema esquerda condenar o Zé Dirceu e defender o Lula, porque o Dirceu era pequeno burguês e o Lula, operário. O que acontece é que o Lula sempre foi mais à direita do que o Dirceu, então isso não tem nada a ver. O que aconteceu foi que o pessoal foi todo para a direita e o Brasil não tem mais um sonho de uma revolução. E isso quer dizer que tem de haver uma política de reformas. A extrema esquerda não quer uma política de reformas, ela quer revolução, o que é muito justo. Como não tem revolução, vai ficar marginalizada.

**EP: Então, não há possibilidade de uma revolução?**

**VP:** Não vejo perspectiva de revolução no Brasil. Quando se fala de revolução, fala de revolução política, de modo de produção, e essa revolução não tem horizonte. Mas as revoluções também mudam, não serão iguais às do século XX. Em todo caso, a revolução existe. As pessoas avançam de revolução em revolução. O problema é que hoje está havendo menos questionamentos da estrutura e do modo de produção capitalista. Tem uma hora em que haverá revolução, o problema é que as coisas demoram. E, se é um partido político, tem que agir hoje. Ou age por reforma ou tende à marginalidade. Veja bem, refiro-me a quem faz política partidária ou movimento sindical. Pode-se achar que a coisa está muito ruim e ir para a academia e ficar com seus princípios contra o regime, mas não vai fazer política. Hoje, quem faz política tem que fazer política de reforma, quem não faz política de reforma faz reforma sem ter essa política. A extrema esquerda elege deputado, vereador e não faz nada, o PSOL, PSTU e etc.

**EP: Quem é extrema esquerda hoje?**

**VP:** O PSOL, PSTU, como partido. Sobre essa posição, essa é uma opção. Tenho amigo que diz que faz movimento social, participa do MST, mas como política partidária; não há espaço para outros partidos ou para a política de movimento sindical,

só há espaço para política de reformas e para isso o PT é ainda o único canal que existe, não há espaço para outros partidos. E, a meu ver, só haverá condições de mudança quando houver um novo movimento social que traga uma nova vanguarda com legitimidade para fazer mudanças, que possa ter aglutinações de outra ordem. E essa vanguarda não tem uma identidade etária, a priori, embora a juventude seja uma possibilidade maior.

**EP: Você vê embrião disso nessa atual juventude?**

**VP:** Não, porque não vejo movimento social, porque quando tem movimento social, surgem lideranças. O problema é que o movimento social, quando se transforma em movimento de massa, não tem explicação. Até hoje não se explica como uma classe que nunca se manifesta, de repente, começa a se manifestar. Ninguém explica isso. Quando se tiver essa teoria, a gente toma o poder

**EP: E o meio ambiente hoje não pode ser gerador de um novo movimento social? Ou seja, até pela sobrevivência do planeta e da própria espécie humana, isso poderia gerar um ingrediente para um movimento social forte?**

**VP:** Em tese, nada é impossível, mas até agora não demonstraram nenhuma grande possibilidade, não conseguiram concretizar nada. São movimentos de minorias que na Europa, por exemplo, viram partido e depois viram governo. E não tem havido nada com um forte traço de contestação. Como não existe mais a classe operária como vanguarda da revolução, embora seja importante como classe social para mudança social, está tudo em discussão. Não teorizo, apenas constato. Se vier um novo movimento social, uma nova vanguarda, pode-se pensar em novas alternativas políticas de reformas, porque o governo do PT não reforma nada.

**EP: E o que acha desses movimentos tipo fóruns mundiais como os que houve no Rio Grande do Sul?**

**VP:** Acho bons, mas não participei de nenhum. Vejo com simpatia, mas é uma grande ilusão essa coisa de juntar todo mundo e, quando se pensa em definir o que fazer, separá-los em 40 grupos. Não que seja desvantajoso, pelo contrário, acho que discutir experiências é muito positivo, mas em questão de mudança política não acredito, não vejo futuro como movimento de mudança.

**EP: Nesta pergunta vou me referir ao livro de Zuenir, *1968: o ano que não terminou, que acaba com a frase: "1968 entrava para a História, se não como exemplo, pelo menos como lição"*. Você concorda com isso?**

**VP:** É claro. Eu concordo; aliás, as coisas da história têm muito de lição e pouco de exemplo. Quer dizer, em geral, ensinam mais o que não fazer, do que o que fazer. O 68 vai ser sempre uma grande inspiração para todo mundo que quer contestar. Vai ser sempre uma referência, de uma mudança, uma coisa qualitativa, porque as pessoas sempre querem mudar com alegria, com esperança. 1968 é um referencial, mas não passa disso, e é muito, ao mesmo tempo.

**EP: A última pergunta: na história de movimentos sociais de massa, temos no Brasil dois grandes exemplos: o da passeata dos cem mil em 68 e o comício das diretas em 1984, com um milhão de pessoas, ambos no Rio de Janeiro. Fale um pouco de sua experiência como líder daquela passeata, como um grande concertista daquela multidão, descrito pelo Zuenir de maneira tão emocionante.**

**VP:** Digo que o capitalismo precisa sempre de personalidades, faz parte da cultura individualista. Já afirmei aqui, no início, que fui líder de massa por acaso, ali em 68 já tinha muita experiência. Sempre digo que aquele ato público na Cinelândia, aquela passeata, foi um movimento coletivo, havia dez líderes de massa, havia uma estrutura de centenas de organizadores e existiam milhares de pessoas organizadas em grupos de cinco. Por isso é que havia aquela disciplina, foi fruto de muita organização misturada com indignação.

Depois da passeata, dei uma entrevista coletiva e pedi que os jornalistas parassem com aquela afirmação de que eu era o grande líder de massa, que existiam muitos companheiros tão importantes quanto eu, que foi um trabalho coletivo. No dia seguinte, saiu a manchete: "... e ainda por cima é modesto". Ou seja, não tem jeito.